

Escola Bíblica

Módulo 4 – Discipulado: Colocando a mão na massa!

Aula 12 – O sétimo e oitavo comandos

www.ipbarreto.org.br/escola-biblica/



DISCIPULADO

O casamento: a base de tudo!

O sétimo comando é sintético: “Não adulterarás” (Êx 20.14). O termo aqui utilizado deixa claro que o comando deseja legislar sobre um tipo de pecado sexual em especial, embora possamos argumentar que envolva todos os demais: o adultério, que é a quebra de uma aliança estabelecida. Nesse sentido, o comando faz distinção entre o adultério e a fornicação, que é o ato sexual fora da aliança, pois este pecado era legislado de maneira diferente (Êx 22:16–17; Dt 22:23–29).¹

Antes de avançar, é imprescindível compreender que a lei mosaica não proibiu a poligamia e nem atacou diretamente a questão da prostituição e isso pode parecer muito esquisito e incoerente para muitos. É importante, pois, lembrar do conceito de João Calvino da adaptação da revelação – Deus se revela em um determinado contexto histórico-social e essa revelação está atrelada a esse contexto – e com a progressão da revelação fica claro por meio do próprio Jesus que o casamento monogâmico é o plano original de Deus para o homem (Mt 19.1-12) e que a pureza sexual está inegavelmente atrelada ao casamento (1Co 7.1-40).²

O fato de haver no decálogo um comando explícito apenas para a fidelidade conjugal somado ao fato de que na continuidade da exposição das leis que compunham a aliança fica claro que o adultério deveria ser punido com pena de morte (Lv 20.10; Dt 22.22) nos leva a refletir sobre o que este comando de fato revela sobre o casamento e os propósitos do Eterno para o casamento no contexto da Aliança.

Warren W. Wiersbe afirma que “a família é a unidade fundamental de uma nação, e a fidelidade ao contrato de casamento é o alicerce da família”.³ O comando deixa claro por meio do aspecto negativo que o casamento visto da perspectiva daquele que o inventou, o Eterno, é uma aliança, ou seja, um pacto realizado entre duas pessoas que votam mutuamente fidelidade, exclusividade, amor, companheirismo e respeito. Assim como Deus entra em uma aliança de relacionamento com o homem e permanece fiel a sua promessa, assim também o Eterno concebeu o casamento como uma aliança entre duas pessoas e é por isso que “no cerne do conceito bíblico de casamento encontramos a aliança”.⁴

Isso significa dizer que para aquele que deseja viver para o Senhor, o discípulo de Jesus que reconhece o Eterno como seu Criador e Pai, o casamento é mais do que uma instituição, uma convenção humana ou uma conveniência momentânea, mas é uma relação de aliança que revela a própria aliança fiel entre o Criador e o homem de tal homem que há uma semelhança, uma relação de continuidade entre a beleza da aliança do casamento e a beleza da aliança que o Pai faz conosco por meio do Filho no Evangelho.⁵

O comando afirma o casamento como uma aliança e deixa claro: ela não deve ser poluída. O conceito de poluição é algo que conhecemos bem no contexto das discussões sobre sustentabilidade ambiental, mas foi utilizado para se referir a um tipo específico de pecado: a introdução de um elemento estranho em um pacto que é exclusivo. Cornelius Plantinga explica que “poluir é enfraquecer toda uma entidade, tal como um bom relacionamento interpessoal, introduzindo um elemento estranho (Nesse sentido, poluição junta o que Deus quer manter separado). A infidelidade conjugal, por exemplo, polui tanto a adoração quanto o casamento [...] Em cada caso, um compromisso novo se insinua numa relação já existente e a compromete”.⁶

O adultério é portanto, mais do que uma falha moral: é a quebra de uma aliança, é a poluição de um pacto, é o rompimento de um contrato que está na base da própria família e da sociedade como um todo. Em última instância, “ser infiel ao cônjuge também implica ser infiel a Deus”.⁷

Tim e Kathy Keller demonstram como a sociedade atual aos poucos trocou a mentalidade de aliança como base para o casamento por uma mentalidade de consumidor: vou até a prateleira, escolho algo que eu goste e quando

¹ KAISER, WALTER C., JR.: Exodus. In: GAEBELEIN, F. E. (org.): *The Expositor's Bible Commentary: Genesis, Exodus, Leviticus, Numbers*. vol. 2. Grand Rapids, MI : Zondervan Publishing House, 1990, p. 425

² COLE, R. A. *Êxodo: Introdução e Comentário*. São Paulo: Mundo Cristão, 1981, p.154

³ WIERSBE, Warren W. *Comentário Bíblico Expositivo : Antigo Testamento : volume I, Pentateuco - Santo André, SP: Geográfica Editora, 2006, p.289*

⁴ KELLER, Timothy; KELLER, Kathy. *O significado do casamento*. São Paulo: Vida Nova, 2012, p.99

⁵ KELLER, Timothy; KELLER, Kathy. *O significado do casamento*. São Paulo: Vida Nova, 2012, p.57,58

⁶ PLANTINGA, Cornelius. *Não era para ser assim: Um resumo da natureza e dinâmica do pecado*. São Paulo: Cultura Cristã, 1999, p.56

⁷ KELLER, Timothy; KELLER, Kathy. *O significado do casamento*. São Paulo: Vida Nova, 2012, p.101

eu não gostar mais posso simplesmente trocar de produto.⁸ A mentalidade que trata o casamento e o cônjuge com algo que pode ser trocado e descartado não é uma visão orientada por uma cosmovisão cristã, mas uma filha bastarda de um tempo no qual as relações foram escravizadas pelo consumismo. Logo, o comando deixa claro que “a proteção da integridade da família era importante, pois a família era a base da sociedade. A crise ou o esfacelamento da família acarretaria a crise ou o esfacelamento da sociedade”.⁹

O valor da vida!

O oitavo comando também é sintético: “Não furtarás” (Êx 20.15). Ainda assim, seu sentido é debatido acaloradamente. Fica claro que o sentido do comando é que o mesmo deve ser obedecido para as relações dentro da aliança sejam preservadas, as relações dentro da comunidade, pois afinal “numa sociedade camponesa onde a vida é árdua, qualquer roubo pode levar à morte, de modo que o furto se torna um crime sério”.¹⁰ Nesta perspectiva, compreendemos facilmente que uma vez que o trabalhador honesto ganha seu pão com duro esforço, o roubo poderia desencadear uma ira violenta a ponto de culminar em uma vingança sangrenta.

Comentaristas debatem acerca do comando incluir ou não questões como o rapto por exemplo.¹¹¹²¹³ Contudo, o sentido do texto aparentemente aponta para o roubo dos bens, riqueza e propriedade do próximo como ressalta Matthew Henry.¹⁴ Henry interpretou o comando a luz da moral puritana que enfatizava a frugalidade, a simplicidade de vida como orientadora das relações do cristão com o dinheiro e os bens: “este comando nos proíbe de roubar a nós mesmos do que possuímos através de ganância pecaminosa, ou de roubar a nós mesmos através do poupar pecaminoso, e de roubar a outros removendo as divisas de terrenos, invadindo os direitos de nosso próximo, tomando seus bens de sua pessoa, sua casa, seu campo, a força ou clandestinamente, ganhando exageradamente em barganhas, não devolvendo o que foi emprestado ou encontrado, retendo dívidas, rendas ou salários, e (o que é pior de tudo), roubar o que é público em dinheiro ou impostos, ou o que é dedicado ao serviço da religião”.¹⁵

Henry expande o comando para que ele possa alcançar amplos espectros e assim nos ajuda a ver tudo que está implicado. Charles Hodge sintetiza o comando da seguinte maneira: “Este comando proíbe todas as violações dos direitos de propriedade. O direito de propriedade é o direito de sua exclusiva posse e uso”.¹⁶ O comando deixa claro que não devemos ter em nossas mãos o que não é nosso e que em última instância nós mesmos, tudo que temos e os outros e tudo o que eles possuem é do Senhor (Sl 24.1; 115.16).¹⁷ Logo, historicamente o comando também foi interpretado como uma proibição a roubar a liberdade – escravidão – e roubar-lhe seus direitos legais, bem como a trapaça e o engano.¹⁸

Embora o oitavo mandamento pertença a segunda tábua, o profeta Malaquias o interpretou diretamente em relação a Deus, afirmando que sua geração estava roubando o Senhor (Ml 3.6-9). O profeta ataca a infidelidade nos dízimos e nas ofertas de Judá com extrema dureza, deixando claro que eles estavam se apossando de algo que não era deles e sim do Senhor, e portanto estavam quebrando o oitavo mandamento. “Roubar significa não apenas tomar o que não é nosso, mas reter para nós mesmos o que pertence a outra pessoa. Neste caso a decimal parte das rendas pertence ao Senhor; a falha em entregá-la acarreta em roubo”.¹⁹

Logo, para o discípulo de Cristo o oitavo mandamento não apenas versa sobre não possuir o que é de outra pessoa, mas também não reter o que é do Senhor. O dízimo, como o compreendemos, é um comando do Eterno que perdura para nós cristãos, pois embora tenha sido legislado para o antigo Israel para o sustento dos levitas e do templo (Nm 18.26) já era uma prática anteriormente a isso, remontando a Abraão (Gn 14.20) e Jacó (Gn 28.22) e que foi citada várias vezes no Novo Testamento mas nunca explicitamente contestada pelo mesmo (Mt 23.23; Lc 11.42; Lc 18.12; Hb 7.2-8). Por isso o dízimo é uma prática cristã histórica que o discípulo de Cristo deve abraçar e viver.

⁸ KELLER, Timothy; KELLER, Kathy. *O significado do casamento*. São Paulo: Vida Nova, 2012, p.100

⁹ WALTON, John H.; MATTHEWS, Victor H.; CHAVALAS, Mark W. *Comentário bíblico Atos: Antigo Testamento* - Belo Horizonte: Editora Atos, 2003, p.96

¹⁰ COLE, R. A. *Êxodo: Introdução e Comentário*. São Paulo: Mundo Cristão, 1981, p.154

¹¹ COLE, R. A. *Êxodo: Introdução e Comentário*. São Paulo: Mundo Cristão, 1981, p.154

¹² KAISER, WALTER C., JR.: Exodus. In: GAEBELEIN, F. E. (org.): *The Expositor's Bible Commentary: Genesis, Exodus, Leviticus, Numbers*. vol. 2. Grand Rapids, MI : Zondervan Publishing House, 1990, p. 425

¹³ WALTON, John H.; MATTHEWS, Victor H.; CHAVALAS, Mark W. *Comentário bíblico Atos: Antigo Testamento* - Belo Horizonte: Editora Atos, 2003, p.96

¹⁴ HENRY, MATTHEW: *Matthew Henry's commentary on the whole Bible: complete and unabridged in one volume*. Peabody : Hendrickson, 1994

¹⁵ HENRY, MATTHEW: *Matthew Henry's commentary on the whole Bible: complete and unabridged in one volume*. Peabody : Hendrickson, 1994

¹⁶ HODGE, CHARLES: *Systematic theology*. vol. 3. Oak Harbor, WA : Logos Research Systems, Inc., 1997

¹⁷ KAISER, WALTER C., JR.: Exodus. In: GAEBELEIN, F. E. (org.): *The Expositor's Bible Commentary: Genesis, Exodus, Leviticus, Numbers*. vol. 2. Grand Rapids, MI : Zondervan Publishing House, 1990, p. 425

¹⁸ WALTON, John H.; MATTHEWS, Victor H.; CHAVALAS, Mark W. *Comentário bíblico Atos: Antigo Testamento* - Belo Horizonte: Editora Atos, 2003, p.96

¹⁹ ALDEN, ROBERT L.: Malachi. In: GAEBELEIN, F. E. (org.): *The Expositor's Bible Commentary: Daniel and the Minor Prophets*. vol. 7. Grand Rapids, MI : Zondervan Publishing House, 1986, p. 720